



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

MARCELA MARIA DA SILVA

**O PASSADO DE UMA MEMÓRIA REGISTRADA: DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA
DO ACERVO DA FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL DA PARAÍBA**

**JOÃO PESSOA
2016**

MARCELA MARIA DA SILVA

**O PASSADO DE UMA MEMÓRIA REGISTRADA: DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA
DO ACERVO DA FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentada ao Curso de Graduação em
Arquivologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Prof. (a) Ma. Brenda Alves de
Andrade Hirata.

JOÃO PESSOA
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Marcela Maria da
O passado de uma memória registrada [manuscrito] :
descrição fotográfica do acervo da Fundação Espaço Cultural da
Paraíba / Marcela Maria da Silva. - 2016.
71 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Brenda Alves de Andrade Hirata,
Departamento de arquivologia".

1. Descrição fotográfica. 2. Memória. 3. Norma Arquivística.
I. Título.

21. ed. CDD 026.770

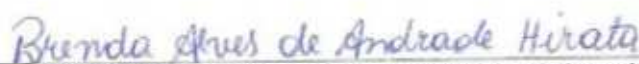
MARCELA MARIA DA SILVA

**O PASSADO DE UMA MEMÓRIA REGISTRADA: DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA
DO ACERVO DA FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL DA PARAÍBA**

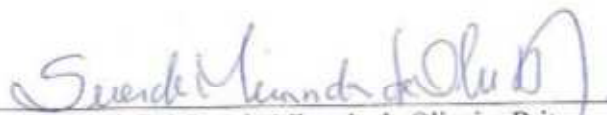
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentada ao
Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharela em Arquivologia.

Aprovada em: 26/10/2016.

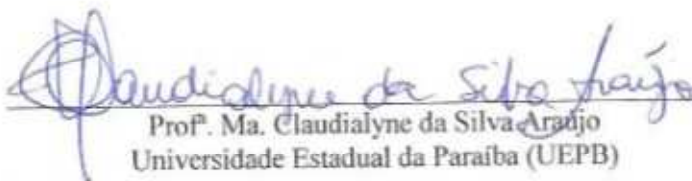
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Brenda Alves de Andrade Hirata (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Suerde Miranda de Oliveira Brito
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Claudialyne da Silva Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico à professora Maria José Cordeiro de Lima (*in memoriam*) que jamais deixou de me incentivar a seguir a carreira acadêmica e muito além disso, fora um grande ser humano em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me fornecer força e mostrar que sou capaz de conseguir meus objetivos e conquistas, pois, sem Ele não teria conseguido sustentar tantos fardos pela caminhada.

Agradeço imensamente a presença da minha grande colega Cínthya Cruz na minha vida porque foi através dela que comecei a vida acadêmica e que sempre me incentivou a fazer progressos nos meus sonhos.

À Lia que sempre acreditou em mim, me ajudou a estudar e nunca desistiu de me ajudar moralmente e psicologicamente. E as minhas amigadas que sempre me deram apoio moral.

À professora Me. Maria José Cordeiro de Lima – Mara (*in memoriam*) por me impulsionar aos encantos da carreira acadêmica que só nos resta grandes saudades e boas lembranças.

Agradeço à professora Me. Brenda Alves de Andrade Hirata por ter aceito ser a minha orientadora.

À minha professora e coordenadora do curso Esmeraldo Porfírio, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Agradeço aos familiares que me ajudaram nessa caminhada. À minha mãe que aguentou toda essa minha caminhada e os meus nervosismos a cada período que se passava. E à minha tia madrinha por me ajudar muito por esses momentos vividos.

Agradeço a todos os professores que me ensinaram a ver as coisas do mundo de uma maneira construtiva que contribuiu de alguma forma na minha vida.

À banca formada para a minha defesa, composta pelas professoras Dr^a Suerde Brito e Ma. Claudialyne Araújo.

À turma 2012.2 pelos momentos que não foram poucos e vividos com intensidade. Os aprendizados que obtive com cada um será levado para sempre em minha memória. E em especial Karolyne Melo e Janielly Santana as quis aprendi muito e tenho muito carinho.

*Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece.
O que a memória ama fica eterno.*

Rubem Alves

RESUMO

O trabalho tem como objetivo elaborar uma ficha de descrição fotográfica para auxiliar na recuperação das informações do Acervo Histórico Waldemar Bispo Duarte, situado na FUNESC (Fundação Espaço Cultural da Paraíba), além de fazer uma breve análise e destacar a importância dessas fotografias para o resgate da memória e da história da cidade de João Pessoa. Assegurando que parte dessa memória não se perca no tempo e que possa ser fonte de informação para várias gerações. A fundamentação teórica está estruturada nos conceitos de Fotografia, Memória e Descrição Arquivística, com o intuito de destacar a importância da temática para facilitar o acesso à informação e resguardar a história de cada fotografia, ademais, fazendo uma relação da fotografia como ferramenta de significação do tempo e dos espaços modernos, a partir, da exposição de algumas fotografias do acervo pelo fotógrafo Gilberto Sturcket e o Grupo ParaiBando, onde capturaram imagens atuais exatamente iguais das fotografias de outrora, podendo perceber as modificações ocorridas em cada fotografia no decorrer do tempo. Desse modo, a elaboração de fichas de descrição fotográfica permitirá que todos consigam fazer uma leitura com maior exatidão de cada imagem, revivendo momentos passados. Quanto aos meios, o trabalho baseou-se no estudo exploratório com a pesquisa bibliográfica, pautando-se na pesquisa descritiva. O acervo fotográfico é composto por 333 imagens referentes a cidade de João Pessoa, compreendidas nos períodos entre 1871 a 2016. Conclui-se que a partir das análises feitas nas fotografias, é relevante a descrição no documento fotográfico acervo Waldemar Bispo Duarte, devido à falta de informação necessária da imagem fotográfica. Na qualidade da imagem antiga, com a atual, é totalmente oposta, visto que, os equipamentos fotográficos são de épocas diferentes, influenciando diretamente na qualidade da imagem. E da mesma forma, vimos as mudanças com o passar do tempo nas casas, ruas e até nomes de ruas que tiveram histórias na cidade de João Pessoa.

Palavras-Chave: Descrição Fotográfica. Memória. Norma Arquivística.

ABSTRACT

The work aims to develop a photographic description form to assist in the recovery of information from Historical Collection Waldemar Bispo Duarte, situated in FUNESC (Fundação Cultural da Paraíba), in addition to a brief analysis and highlight the importance of these photographs to the rescue of the memory and history of the city of João Pessoa. Ensuring that part of that memory is not lost in time and that can be a source of information for several generations. The theoretical foundation is structured on the concepts of Photography, Memory and Archival Description, in order to highlight the importance of the subject in order to facilitate access to information and protect the history of each photo, besides, making a relationship of photography as a tool of signification and modern spaces, from, the exhibition of some photos of the collection by photographer Gilberto Sturcket and ParaiBando group, where captured images present exactly the same of the photographs of yore, and can understand the changes that have occurred in each photo in the course of time. Thus, the development of photographic description sheets will allow everyone else to read with greater accuracy of each image, reliving moments past. As to the means, the work was based on the exploratory study with the bibliographical research, focusing on descriptive research. The photographic collection comprises 333 images pertaining to João Pessoa, included in the periods between 1871 to 2016. It is concluded that from the analyses in the photographs, the description in the photographic collection document Waldemar Bispo Duarte, due to the lack of information required of the photographic image. In image quality with the current, is totally opposite, since the photographic equipments are from different eras, influencing directly on image quality. And similarly, we saw the changes over time in the houses, streets and even street names that had stories in the city of João Pessoa.

Keywords: Archival Standard. Memory. Photographic Description.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Praça 1817 - 2016	19
Fotografia 2 - Av. Guedes Pereira 1920	42
Fotografia 3 - Av. Guedes Pereira 2015	42
Fotografia 4 - Av. B. Rohan 1909	44
Fotografia 5 - Av. B. Rohan 2015	44
Fotografia 6 - Começo das Trincheiras 1875	46
Fotografia 7 - Começo das Trincheiras 2016	46
Fotografia 8 - Av. Duque de Caxias 1942	48
Fotografia 9 - Av. Duque de Caxias 2015	48
Fotografia 10 - Rua da República 1904	50
Fotografia 11 - Rua da República 2015	50
Fotografia 12 - Av. General Osório 1920	52
Fotografia 13 - Av. General Osório 2015	52
Fotografia 14 - Rua Gama e Melo 1932	54
Fotografia 15 - Rua Gama e Melo 2015	54
Fotografia 16 - Rua da Areia 1908	56
Fotografia 17 - Rua da Areia 2015	56
Fotografia 18 - CBTU 1913	58
Fotografia 19 - CBTU 2016	58
Fotografia 20 - Usina Cultural Energisa 1931	60
Fotografia 21 - Usina Cultural Energisa 2016	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ISAAR(CPF)	International Standard Archival Authority Records for Corporate Bodies, Persons and Families
ISAD(G)	Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística
ISDF	Norma Internacional para descrição de funções
ISDIAH	Norma Internacional para descrição de Instituições com Acervo Arquivístico
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
FUNESC	Fundação Espaço Cultural da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: CONGELANDO UM INSTANTE PARA A ETERNIDADE	16
3 A FOTOGRAFIA NO CONTEXTO ARQUIVÍSTICO	21
4 DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA	25
5 METODOLOGIA	35
5.2 Campo empírico	36
5.3 População e amostra	38
5.4 Procedimentos de coletas de dados	39
5.5 Procedimentos de análise dos dados	39
6 ANÁLISE FOTOGRÁFICA DO ARQUIVO HISTÓRICO WALDEMAR BISPO DUARTE	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE A	68
ANEXO A	70

1 INTRODUÇÃO

A fotografia é, hoje, uma importante fonte de pesquisa. Se não como um documento único capaz de, por si só, fornecer elementos capazes de subsidiar a necessidade do pesquisador, como um complemento importante para a pesquisa.

(MARTINEZ, 2009, p. 15)

Nos deparamos com várias tipologias de documentos e com vários formatos de armazenagem. Fazemos descrição em documentos que estamos acostumados à tratar na instituição, no entanto, há um tipo de documento que não podemos deixar de notar a relevância ao seu conteúdo representativo em uma imagem que é a fotografia. Nesse aspecto, a descrição fotográfica é essencial tanto para compreendermos ao que se refere à imagem quanto para a organização em busca da informação referente a uma fotografia. E esse trabalho tem bem como descrever as imagens referentes às fotografias do centro da cidade de João Pessoa - PB nos anos 1871 em comparação com os dias atuais, existentes no acervo Waldemar Bispo Duarte da Fundação Espaço Cultural da Paraíba – FUNESC, para que o documento seja narrado a partir da imagem produzida e assim, o usuário obterá mais detalhes da informação pretendida, por isso, que iremos analisar cada fotografia que resguarda a história e a memória de cada local popular do centro de João Pessoa – PB; escrever as interpretações feitas em cada documento fotográfico de modo preciso e eficiente e demonstrar a relevância da descrição em documentos fotográficos a partir da memória resguardada por uma imagem registrada.

As fotografias do arquivo são de caráter permanente, desse modo, a descrição poderá ser feita, pois é uma atividade com característica de arquivo permanente (BELLOTTO, 2006). É necessário que o documento seja permanente para que se tenha a descrição, porque não cabe fazê-la no ciclo vital corrente e intermediário, uma vez que, as suas atividades ainda não foram encerradas pelo seu produtor ou por outro usuário interno.

Desse modo, podemos estabelecer uma reflexão e problematização, questionando em que relevância será fazer a descrição dos documentos iconográficos do Acervo Histórico Waldemar Bispo Duarte? Para que dessa forma, possamos compreender a sua importância na descrição do acervo fotográfico já mencionado que será de extrema seriedade, pois será trabalhado através de normas onde remeterá a padronização dos documentos e da compreensão da imagem a ser vista. Assim, a norma a ser usada será a Norma Brasileira de Descrição Arquivística – NOBRADE, norma esta brasileira que foi um adapto da norma internacional ISAD(g) (Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística) e ISAAR(CPF)

(International Standard Archival Authority Records for Corporate Bodies, Persons and Families).

Busca-se indagar a descrição dos documentos para que seja representada de maneira original e confiante, isto é, para que o usuário tenha fé na informação a ser usada e da memória existente a ser rebuscada por fato, ação vivido nos anos 1971 para os dias atuais.

Por conseguinte, o trabalho vem a interrogar a falta de relevância com documentos fotográficos, visto que são documentos especiais e delicados de se tratar. Conforme Vieira (2014 apud Pearce-Moses 2005, p. 65 tradução do autor) diz ser que “[...] documento especial é aquele armazenado separadamente de outros documentos, pois sua forma física ou características exigem tratamentos específicos ou seu formato é de grandes dimensões, como os documentos cartográficos, audiovisuais, eletrônicos.” E ainda, a descrição a ser feita para que seja de fácil acesso à informação. Como dito, a descrição é importante tanto para difusão da informação, quanto ao momento a ser lembrado das memórias vivente do centro de João Pessoa.

Portanto, a razão deste trabalho é mostrar tanto para o empirismo acadêmico quanto para a sociedade a importância da memória a ser conservada e a necessidade da descrição em documentos iconográficos, onde a leigalidade sobre a veracidade de que a fotografia é um documento de seriedade e deslumbrar-se com o acervo fotográfico da FUNESC é um ato de reviver a memória existente no arquivo, pois a partir desse acervo iconográfico que podemos identificar características arquivísticas e adquirir conhecimento com uma tipologia documental pouco explorada na área da Arquivologia. Sendo assim, um aprendizado para futuros trabalhos enriquecidos com a pesquisa abordada.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Elaborar uma ficha de descrição fotográfica para auxiliar na recuperação das informações do Acervo Waldemar Bispo Duarte, situado na Fundação Espaço Cultural da Paraíba – FUNESC, além de fazer uma breve análise nas fotografias da década de 1871 comparando-as com fotografias idênticas retiradas nos dias atuais pelo grupo ParaiBando¹.

¹ Maiores informações visite o site: <http://www.paraibando.com.br/>

1.1.2 Objetivo Específico

- Analisar as fotografias que resguardam a história no acervo fotográfico Waldemar Bispo Duarte.
- Descrever as interpretações de cada documento fotográfico.
- Elaborar uma ficha de descrição fotográfica de acordo com as normas da NOBRADE.
- Demonstrar a relevância da descrição em documentos fotográficos e da memória a partir do pensamento bibliográfico.

2 FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: CONGELANDO UM INSTANTE PARA A ETERNIDADE

[...] a fotografia pode ser utilizada como documento e dispositivo que ativa a memória ao trazer ao espectador um novo conhecimento quando ouve um relato de vida, ao possibilitar (re)viver histórias e até conseguir inserir-se no ambiente narrado.

(MENDONÇA; PINHO, 2016 p. 93)

O ser humano é capaz de obter muitas lembranças que aconteceu em sua vida, desse modo, a memória nos faz a remeter ao passado. São momentos e conhecimentos que jamais nos fazem esquecer de algo importante passado pela vida.

2.1 Conceito

A memória tem ação que possibilita conservar e relembrar imagens, ideias, sensações já obtidas. Além disso, a relevância que se preza por uma memória é primordial, tanto para a vida, quanto o conhecimento científico, essa é a maneira de registrarmos tudo que for importante, seja pela escrita, orais e até mesmo em imagens iconográficas.

Corroborando a discussão, Chauí (2008, p.138, grifo do autor) afirma que, “[...] a memória é uma forma de percepção interna chamada **introspecção**, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas.” Assim, todos os momentos vividos no passado se remetem ao presente nas lembranças que ficaram registradas na mente ou na escrita.

A memória em nossa sociedade é vista como momento passageiro para se tornar obsoleta, quer dizer, no mundo em que vivemos com tanta tecnologia, a propaganda publicitária nos faz enxergar o novo, deixando de lado objetos e ocasiões que um dia fez parte de uma história, de uma lembrança, de um momento da nossa memória, deixando para trás devido a uma modernidade autoritária e perdedora de memória e assim, sendo desvalorizada em nossa sociedade.

É desvalorizada porque não é considerada uma capacidade essencial para o conhecimento – podemos usar máquinas no lugar da nossa própria memória – e porque a publicidade e a propaganda nos fazem preferir o “novo”, o “moderno”, a “última moda”, pois a indústria e o comércio só terão lucros se não conservarmos as coisas e quisermos sempre o “novo.” (CHAUI, 2008, p. 140 grifo do autor)

Assim, o desvalor pela memória se torna cada vez mais frequente por vivermos em uma vida tão frenética que deixamos a importância de um momento relevante virar obsolescência de tanto seguir os passos da modernidade.

Entretanto, não é apenas as mudanças no mercado que faz o ser humano mudar, e sim, a indiferença pelas pessoas de mais idade que são riquíssimos em experiência e grandes mentores de sapiência e através de suas memórias, podem auxiliar em diversos aspectos de conhecimento. A título de exemplo, o curador João Pedro contém histórias e ensinamentos com o conhecimento que adquiriu durante anos de trabalho no arquivo da Fundação Espaço Cultural da Paraíba – FUNESC. O tempo de serviço na instituição fez com que ele tivesse um outro olhar do acervo, ideias e possibilidades de ação cultural e de aprendizado através das fotografias tiradas em todas as partes da cidade de João Pessoa e até mesmo de outras cidades da Paraíba, juntamente com o grupo ParaiBando o qual João Pedro faz parte desse projeto. Em vista disso, houve o desejo de expor lembranças do passado com o momento presente através de fotografias da cidade de João Pessoa, comparando imagens retiradas outrora, pelo fotógrafo, com fotografias dos dias atuais, retiradas no mesmo angulo pelo curador e também fotógrafo João Pedro, que estão expostas na galeria de arte do arquivo Waldemar Bispo Duarte. Essa exposição é feita através de muita dedicação em lembrar de pontos populares da capital que tiveram momentos e histórias vividas e assim sendo, um orgulho imenso em divulgar memórias vividas e contadas ao passar do tempo. Entretanto, há muitas fotografias a serem tratadas de maneira correta e arquivisticamente, pois, não procede um registro no qual possamos obter maiores informações da fotografia e ao mesmo tempo, para que qualquer pessoa tenha acesso no momento da ausência do curador João Pedro, único detentor de todo conhecimento do arquivo fotográfico. Embora, tenha um rico acervo de fotografias, não haverá memória registrada através da informação escrita se não houver uma descrição arquivística nas fotografias ausentes de registros.

Assim, como sintetiza Chaui (2008 p. 140) que “a desvalorização da memória aparece, por fim, no descaso pelos idosos, considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrário de outras em que os idosos são portadores de todo o saber da coletividade, respeitados e admirados por todos.” É comovente e ao mesmo tempo lastimável a falta de reconhecimento de idosos com riquíssimas memórias que podem nos proporcionar grandes ensinamentos, do que serem desprezados por uma sociedade tão apressada com o presente.

A memória é a constante lembrança que temos de algo que vivemos ou viveram em um determinado tempo, onde ficará registrado em nosso subconsciente os momentos mais importantes e significativo da vida. Chaui (2008, p. 141) explica:

[...] a importância do fato e da coisa para nós; o significado emocional ou afetivo do fato ou da coisa para nós; o modo como alguma coisa nos impressionou e ficou gravado em nós; a necessidade para nossa vida prática ou para o desenvolvimento de nossos conhecimentos; o prazer ou dor que um fato ou alguma coisa produziram em nós, etc. Em outras palavras, mesmo que nosso cérebro grave e registre tudo, não é isso a memória e sim o que foi gravado com um sentido ou com um significado para nós e para os outros.

Considerando esse aspecto e como foi dito, a memória não é tudo que se passa em nossa vida e sim o momento mais relevante que foi apreciado.

Define-se que “a memória é **basicamente** isso: informação que transita, que fica retida, que é excluída e/ou armazenada; em termos mais complexos ela está envolvida em questões cognitivas, fisiológicas, sociológicas, pessoais, políticas e institucionais.” (MENDONÇA; PINHO, 2016, p. 93 grifo do autor) percebe-se que a memória está envolvida em todas as questões que o ser humano possa se envolver e dessa forma, serão escolhidas apenas as lembranças que é de interesse. Em contra partida, a memória pode ser processo de repudiar a comparência ou realidade de alguém, de algo ou de fatos, (MANINI, 2016). Ainda que seja oposicional no que concerne a memória, sempre remeterá à lembranças do passado.

Desse modo, Monteiro (2013, p. 94) explicita que:

A memória é uma das funções mais importantes do Homem, desempenhando um papel fundamental na sua relação com o meio externo, na socialização, na construção da personalidade e do comportamento e no desempenho em geral. [...] A memória é, ao mesmo tempo, a imagem que vem à mente quando nos recordamos da casa onde crescemos, é a capacidade que nos permite andar de bicicleta ou engrenar as mudanças do nosso automóvel de modo automatizado, é o conhecimento de História que aprendemos e mantemos, é o mal-estar com uma imagem ou local onde algo nos aconteceu.

É esclarecedor a relevância que a memória tem para o homem, pois, é a partir das memórias que construímos a nosso caráter e personalidade, como também, o aprendizado jamais a ser esquecido visto que, será de utilização para o resto de nossas vidas.

No século XIX em meias explosões da modernidade, eis que surge a invenção da fotografia em Paris em 1839, naquela época a máquina não era tão pequena e nem tão pouco leve, a pesar de, muitos experimentos para que imagem saísse de forma visível, não foram bem sucedidas. Mais adiante, porém, na Inglaterra considerou-se o uso de papel com células de nitrato de prata que exibido à claridade, apareceria os traços e formas do objeto, e assim, a fotografia começou a ter destaque e significância como registro documental. O uso da máquina fotográfica com o tempo, foi sendo usada para pesquisas tendo pontos e momentos estratégicos para servir de registro os acontecimentos e fatos da época e isso fez com que, as

fotografias fossem guardadas para que no futuro observassem as transformações feitas ao longo do tempo. E em conformidade com Santos Junior (2009, página não indicada)

Os costumes, a arquitetura das cidades, os monumentos, os fatos sociais e políticos passaram a ser gradativamente documentados por fotógrafos. Para estes, as paisagens urbanas e rurais, a implantação das estradas de ferro, o cotidiano das ruas, os ambulantes, os transeuntes, os conflitos armados e as expedições científicas se transformam em temas constantes. O fotógrafo do passado tinha a preocupação de registrar as transformações das cidades modernas, que estavam em plena ebulição.

De fato, se no século XIX já tinha a intenção de deixar registrada as imagens de cada momento vivido desde de um simples passeio na rua até um estudo científico, certamente que em pleno século XXI cujo a atualidade em que vivemos, usamos muito mais a fotografia como resgate de memória e principalmente na comprovação de um caso ou fato.

A fotografia vem nos contribuir de forma explícita através da imagem registrada num determinado tempo e espaço, embora, que muitas vezes a imagem nos faz lembrar de algo que não esteja mais presente e isso vai desde objetos, pessoas, animais de estimação e entre outras particularidades que sempre esteve frequente em nossa vida.

[...] a fixação de um espaço por meio de uma impressão luminosa exibir sempre um traço, um vestígio de uma realidade que não é mais, mas que sempre será, como imagem, ou melhor, como presente – a foto –, que traz involuntariamente objetos desaparecidos. [...]Portanto, a fotografia não é uma simples recordação que se guarda para o futuro, mas um real em estado de passado, uma concomitância. (SANTOS JUNIOR, 2009, página não indicada)

Em vista disso, a provável lembrança através da foto nos remete a observar as mudanças num determinado tempo e espaço, isso faz com que entendamos que a recordação é mantida através da fotografia e a partir dela o passado se torna presente por meio de regresso da memória que nos faz lembrar do momento vivido. Dessa maneira, podemos ressaltar os lugares do centro da cidade de João Pessoa que são motivos de lembranças e recordações, onde, há lugares com motivos históricos e de descendentes que fizeram trajetória pela cidade. Citando caso parecido, da Praça 1817 (conhecida também como

Fotografia 1 Praça 1817 - 2016



Fonte: Marcela Maria

Praça dos três poderes), cujo a data significa a Revolução na Paraíba reivindicando a mudança do governo e a praça teve um marco importante para a época, e que poucos conhecem a sua história.

A fotografia não só remete a lembrança da imagem congelada, mas também, nos evoca lembranças psíquicas de detalhes pela imagem, em outras palavras, sempre que apreciamos ver uma fotografia acabamos recordando de algo a mais que aconteceu naquele devido tempo e espaço. E por essa razão, a evocação nos faz voltar ao lugar da fotografia psiquicamente.

A fotografia encontra aqui sua ação e sua dinâmica, ou seja, proporciona um encontro com o real sempre iminente e com uma distância, a qual se revela exorbitante. É por isso que ela não deixa de transparecer, em um primeiro contato, uma evocação, uma lembrança, uma memória metonímica do que foi registrado. Como se marcassem algo estritamente localizável, mas que está fora de seu verdadeiro lugar. (SANTOS JUNIOR, 2009, página não indicada)

Entendemos que, sempre temos o costume de voltarmos ao passado quando olhamos fotografias que nos remete a boas ou más lembranças. É considerável a semelhança do passado com o presente e assim, faz um sentido manter uma relação de proximidade entre a percepção de uma imagem e a ideia da lembrança.

Em compensação é de se relevar as diferenças que uma fotografia pode causar, isto é, independente da imagem tirada, ela pode ser de boas ou más lembranças. “Há, portanto, um duelo entre o realismo fotográfico e o efeito do inesperado provocados pelo obturador. Em outras palavras, é o conflito entre a cena registrada e o que ela carrega de memória e de associações” (SANTOS JUNIOR, 2009, página não indicada).

Sendo assim, a fotografia nos inspira a sentimentos emitidos por um passado que volta nas lembranças de um momento vivido. E, é assim, que a memória resguarda toda a sua lembrança através da fotografia.

3 A FOTOGRAFIA NO CONTEXTO ARQUIVÍSTICO

A fotografia é, hoje, uma importante fonte de pesquisa. Se não como um documento único capaz de, por si só, fornecer elementos capazes de subsidiar a necessidade do pesquisador, como um complemento importante para a pesquisa.

(MARTINEZ, 2009, p. 13)

Na arquivística tende-se a visar várias tipologias documentais, seja de um simples memorando até o documentos mais complexo que se tenha. As descrições para esses documentos são de facilidades costumeiras, entretanto, deixamos de lado a possibilidade de conhecer outro tipo de documento ou focamos apenas nos documentos administrativos corriqueiros. Todavia, esquecemos da existência de um acervo ímpar que é denominado como Arquivos Especiais, que são os documentos do tipo iconográfico, médicos, engenharia e entre outros. Em consonância com Paes (2007, p.147, grifo do autor) define:

[...] *arquivos especializados* são aqueles que têm sob sua custódia os documentos resultantes da experiência humana num campo específico, independentemente da forma física que apresentem. São exemplos os arquivos hospitalares ou arquivos médicos, os arquivos de imprensa, os arquivos de engenharia e assim por diante.

Seja qual for o documento produzido por experimento humano, é um documento especial. Além disso, é digno de tratamento especial tanto no seu armazenamento, quanto no registro, controle e conservação. E com o tempo, desenvolve-se o entendimento de uso dos documentos especiais em órgãos públicos e privados, citando caso análogo das investigações policiais que precisam de evidências para solucionar um caso, e uma das provas a serem utilizadas é a fotografia, como também, as editoras de jornais e revistas que recorrem a esse tipo de documento, para dar mais destaque impactar o leitor e até como material de prova de suas reportagens. Além de serem consideradas históricas. São casos especiais e delicados como esses que demonstra a importância da fotografia como documento arquivístico.

Em conformidade na definição de documentos especiais o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, diz que:

Documento em linguagem não-textual, em **suporte** não convencional, ou, no caso de papel, em **formato** e dimensões excepcionais, que exige procedimentos específicos para seu **processamento técnico**, guarda e **preservação**, e cujo **acesso** depende, na maioria das vezes, de intermediação tecnológica. (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 75, grifo do autor)

Assim, a fotografia exige procedimentos arquivísticos para as condições de preservação em função de dar acesso ao registro por meio de uma automatização ou até mesmo em suporte papel.

Em consonância com Vieira (2014, p. 69) que define documentos especiais:

[...] são aqueles que utilizam, para comunicar uma informação, a linguagem audiovisual, iconográfica ou sonora, e que necessitam, por conta de sua linguagem, de processamento técnico específico para análise e representação de sua informação; e por conta de seu suporte, de procedimentos técnicos diferenciados de preservação e acesso.

São formas especiais de transmitir a informação desde audiovisual, iconográfica ou sonora de uma linguagem que necessita de uma representação descritiva para preservar o seu registro e oferecer acesso pela informação.

Neste trabalho, trataremos de um tipo relevante dos documentos especiais que são as fotografias, a qual veio ser consideradas como documento arquivístico por meados da metade século XIX direcionado pelo Manual Arquivístico Holandês a partir disso, que começou a dar seriedade com a fotografia. Em conformidade com, Lacerda (2008, p. 27, grifo do autor):

Somado a este fato, o circuito dos arquivos foi mais um dos muitos circuitos sociais pelos quais a fotografia circulou desde seu advento na primeira metade do século XIX. No circuito das instituições arquivísticas, a fotografia – ou o documento fotográfico – representou um objeto de conhecimento e deu origem a formulações teóricas e metodológicas que ajudaram a construir *corpus* conceitual da disciplina.

Decerto, a fotografia passa a ter magnitude e com isso resulta a um documento fotográfico arquivístico, com os merecimentos de autenticidade e legitimidade que são elementos imprescindíveis para a arquivística.

A fotografia obteve méritos a partir de bases científicas, isto é, começou a ter importância por parte de comprovação de registro dos hospitais, delegacias, escolas e das modernas fábricas, cada uma das particularidades deu início à sua valorização e além disso, o tratamento da fotografia no campo científico deu-se por mais evidências a autenticidade de prova. Desse modo, Lacerda (2008, p.37) fomenta que “[...] no campo científico de forma geral, é o valor de precisão e de prova que vai ser agregado ao registro fotográfico, estabelecendo as bases do produtivo sistema de documentação originado nesse período.” A fotografia é um documento iconográfico que deve ser descritas e compreendidas com circunstâncias de prova e valor.

Na metade do século XX já ocorria a preocupação dos arquivistas na conservação e preservação dos documentos fotográficos, visto que, com o passar do tempo, o mal acondicionamento e a falta de métodos arquivísticos acabam prejudicando o documento, deteriorando e perdendo informações. Assim, como Vieira (2014) pronuncia que os documentos especiais preocuparam os arquivistas em conservá-los e como também, a pretensão em oferecer acesso aos documentos fotográficos.

Podemos acreditar que a fotografia seja de um fator promissor no âmbito público e privado, uma vez que, ambas instituições necessitam de registros visuais para serem descritas de forma coerente, e assim, manter-se de valor probatório e histórico ao órgão. E por esse motivo, a fotografia define-se como documento arquivístico a partir da conceituação arquivística de documento iconográfico como “Gênero documental integrado por documentos que contêm imagens fixas, impressas, desenhadas ou fotografadas, como fotografias e gravuras” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.76), dessa forma, a fotografia tem a sua singularidade especial, mas que é fundamental na organização informacional arquivística.

A organização dos documentos fotográficos, pode se inserir com os demais fundos documentais ou coleção, havendo dessa maneira, inter-relações com os documentos do arquivo (VIEIRA, 2014). Entretanto, a organização das fotografias em um fundo documental ou coleção, poderá utilizar-se das instruções descritas pelas norma da NOBRADE, pois a descrição e a sua organização terá embasamento de normas que implementa sua autenticidade no arquivo.

A organicidade reflete as relações entre os diversos documentos que compõem um fundo de arquivo, criados em razão das funções e atividades de uma instituição ou pessoa. Estas relações orgânicas dos documentos evidenciam a relação entre o arquivo e seu organismo produtor. Sendo os documentos especiais produzidos e recebidos em razão das funções e atividades de uma instituição ou pessoa, estes são documentos de arquivo e, portanto, possuem vínculo orgânico com os demais documentos, independente da linguagem, formato e suporte. (VIEIRA, 2014, p. 64)

Sem dúvida que a documentação fotográfica geradas em uma instituição, terá os mesmos tratamentos de um documento convencional e independente do seu suporte, formato e linguagem, mas respeitando a proveniência de cada fundo documental. Mesmo assim, a unidade produtora deverá compreender que a fotografia é documento que consiste em meios e normas arquivísticas.

Portanto, a descrição fotográfica é de supra importância tanto para o arquivista, quanto para o órgão, pois, sem o arquivista não haverá organização na documentação, visto que, através da descrição arquivística é que temos o pleno entendimento da informação obtida no documento. Salientado que as atividades arquivísticas é um conjunto e sequência de organização do arquivo e da informação, como por exemplo a classificação arquivística, porém, só são sequenciadas as atividades de modo que a descrição seja feita compreensivelmente pelo o profissional.

A organização arquivística de qualquer acervo pressupõe não apenas as atividades de classificação, mas também as de descrição. Somente a **descrição arquivística garante a compreensão ampla do conteúdo de um acervo**, possibilitando tanto o conhecimento como a localização dos documentos que o integram. Nesse sentido, podemos afirmar que as atividades de classificação só conseguem ter seus objetivos plenamente atingidos mediante a descrição documental. Sem a descrição, corre-se o risco de criar uma situação análoga à do analfabeto diante de um livro, que ele pode pegar e folhear, mas ao qual não pode ter acesso completo por não possuir meios que lhe permitam compreender a informação. A **classificação arquivística**, desprovida das atividades de descrição, somente é **inteligível** para as pessoas que organizaram o acervo. (LOPEZ, 2002, p,12, grifo nosso)

Assim, a descrição arquivística é literalmente trabalhada intelectualmente por um profissional, no caso, de um arquivista que saiba dispor das informações necessárias para um usuário tanto público quanto privado.

Por fim, dando-lhe destaque e um entendimento de visão às fotografias no âmbito arquivístico, para que seja exercida com mais divulgação e tratamento especial perante os profissionais de guarda de documentos, uma vez que, esse tipo de documentação é delicado em sua preservação, armazenamento, conservação e acondicionamento, mesmo que, se tenha estabelecido as considerações de ser um documento arquivístico e demonstrar que é um documento probatório.

4 DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA

Descrever é representar verbalmente ou de forma escrita um objeto e indicar seus aspectos mais característicos, fazendo com que sobressaiam os pormenores que vão torná-lo individual e único e dando um lugar a esse objeto, no mundo das obras científicas.

(ALBUQUERQUE; MURGUIA, 2010 p. 28)

A descrição arquivística proporciona para a instituição uma facilidade de acesso e busca da informação. É através desse instrumento que a organização de um arquivo está completa para uma pesquisa que o usuário possa fazer. E feito isso, serão estabelecidas as normas para serem descritas no documento.

4.1 Conceito

É necessário que o documento seja permanente para que se tenha a descrição, porque não cabe fazer uma descrição no ciclo vital corrente e intermediário, uma vez que as suas atividades ainda não foram encerradas pelo seu produtor ou por outro usuário interno. Assim, Bellotto define descrição como:

[...] uma tarefa típica dos arquivos permanentes. Ela não cabe nos arquivos correntes, onde seu correspondente é o estabelecimento dos códigos do plano de classificação – que acabam por servir de referência para a recuperação da informação – assim como de outras categorias de controle de vocabulário e indexação que se usem para o mesmo fim. (BELLOTTO, 2006 p. 173).

Como mencionado, o trabalho da descrição deve-se aos documentos permanentes e desse modo, o acervo fotográfico terá uma organização descritiva. Além do mais, a descrição requer um raciocínio para que se faça um bom trabalho. Desse modo, Cunha e Cavalcante (2006, p. 119) conceitua descrição como “Processo intelectual de sintetizar elementos formais e conteúdo textual de unidades de arquivamento, adequando-os aos instrumentos de pesquisa que se tem em vista produzir (inventário sumário ou analítico, guia, etc.)” A descrição exige que as informações trabalhadas sejam claras e precisas porque será de grande eficiência na busca do documento. De modo que, a representação descritiva leva a particularização do documento a fim de que sua representação seja ímpar. (ALBUQUERQUE; SIMIONATO, 2014).

Assim, o usuário e a descrição terá ligamento para que o cognitivo seja sanado e expansivo, para que de fato a definição da descrição tenha um respaldo claro e sucinto arquivisticamente e dessa forma, é preciso que haja um “conjunto de procedimentos que

levam em conta os elementos formais e o conteúdo dos documentos para elaboração de instrumentos de pesquisa.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005 p.67). E é através desse conjunto de procedimentos que trataremos a documentação que será redigida pelas normas brasileira estabelecida pela NOBRADE.

4.2 As normas de descrição arquivísticas

Para que se concretize uma formalidade perante os documentos, é necessário que seja embasada em alguma lei ou norma. Por esse motivo, o documento para ter a sua integridade e autenticidade na sua descrição será necessário também ser feito pelas normas arquivísticas, sendo assim, “Esses processos permitem instituir controles intelectuais necessários para tornar confiáveis, autênticas, significativas e acessíveis descrições que serão mantidas ao longo do tempo.” (ARQUIVO NACIONAL, 2000 p.11). Desse modo, segue abaixo as principais normas arquivísticas de descrição.

4.2.1 ISAD(G)

A ISAD(G) é a norma internacional que tem o propósito de auxiliar na descrição arquivística e independente do tipo de documento ou suporte do documento, pode ser aplicada a norma. O objetivo da descrição ISAD(G) é “identificar e explicar o contexto e o conteúdo de documentos de arquivo a fim de promover o acesso aos mesmos” (ARQUIVO NACIONAL, 2001 p. 11).

Além disso, será adquirido a representação e organização adequada sugerida pela norma. Conforme, Albuquerque (2010, p. 30) menciona que “A ISAD(G) é o resultado dos esforços coletivos para padronizar terminologias e procedimentos de tratamento dos documentos de arquivo.” Então, o documento tratado com normas que padronize e seja organizada, será de fácil acesso para o usuário.

O tratamento com o documento a ser elaborado e organizado através de normas, deve conter atenção e cuidado para que a recuperação seja de extrema eficiência e para isso, a priori utiliza-se os elementos obrigatórios da ISAD(G) que são: código de referência, título, produtor, data(s), dimensão da unidade de descrição e nível de descrição.

Quando preparamos um documento a fim de executar a atividade de descrição, estamos incluindo esse documento em uma série de normas e regras para que sejam criadas as condições necessárias à sua recuperação. Os profissionais que utilizam a ISAD(G) e o AACR2 têm de lidar com uma diferença básica, que dá início a todo tratamento: o tipo de documento com que trabalham. O documento de arquivo é aquele que vem de uma instituição ou arquivo pessoal específico, que serviu em sua vida útil para justificar, provar ou lembrar algo. Uma vez no arquivo, além dessas funções, o documento passa a ser fonte de pesquisas históricas ou legais, respeitando o princípio de proveniência. (ALBUQUERQUE; MURGUIA, 2010 p. 30-31)

Logo, a responsabilidade do arquivista em descrever os documentos de acordo com a norma é relevante, uma vez que, pode ser usado para prova ou pesquisa histórica.

4.2.2 ISAAR (CPF)

A norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias, é usada para descrever documentos de entidades que possuem descrições em seu acervo arquivístico. Além do mais, a descrição feita nos documentos de registro de autoridades é uma atividade importante para o arquivista, pois, exige a contínua manutenção da informação produzida e com o uso da documentação para acesso à informação. E em outras palavras, são documentos que não podem deixar de ter o registro de quem produziu a documentação na descrição. Assim, menciona a norma ISAAR(CPF):

Esta norma pretende apoiar o compartilhamento de registros de autoridade arquivística ao promover a preparação de descrições consistentes, apropriadas e auto-explicativas de entidades coletivas, pessoas e famílias que produzem documentos. Espera-se que seja usada em conjunção com as normas nacionais existentes ou como base para o desenvolvimento destas. (ARQUIVOS, 2004 p. 11)

Sendo assim, o uso da ISAAR(CPF) em entidades coletivas, pessoas e famílias corretamente e ao descrever a documentação e o produtor que o produziu, terá uma busca ou informação com muita eficiência. Entretanto, a norma ISAAR(CPF) seja associada com normas nacionais, que no nosso caso será usada juntamente com a Norma Brasileira de Descrição Arquivística – NOBRADE.

O objetivo da norma ISAAR(CPF) “é fornecer regras gerais para a normalização de descrições arquivísticas de produtores de documentos e do contexto da produção de documentos.” (ARQUIVOS, 2004 p.12). E assim promove:

[...] o acesso a arquivos e documentos baseado no fornecimento de descrições do contexto da produção dos documentos associadas a descrições desses mesmos documentos, com frequência diversos e fisicamente dispersos; aos usuários a compreensão do contexto subjacente à produção e ao uso dos arquivos e documentos, de forma que possam melhor interpretar seus sentidos e significados; a identificação precisa dos produtores de documentos, incorporando descrições dos relacionamentos entre diferentes entidades, especialmente documentando a mudança administrativa em entidades coletivas ou mudanças pessoais de circunstâncias em indivíduos e famílias; e o intercâmbio dessas descrições entre instituições, sistemas e/ou redes. (ARQUIVOS, 2004 p. 12)

Esta norma apoia-se em elementos de informação que contém o nome do elemento de descrição, a declaração do objetivo do elemento de descrição, o enunciado da(s) regra(s) aplicável (eis) ao elemento e por fim, onde cabível, exemplos ilustrando a implementação da regra. Não só os elementos de informação como também, é contido quatro áreas de descrição que são organizados em:

- Área de Identificação – pretende identificar especificamente a entidade que está sendo descrita e são definidos pontos de acesso normalizados para o registro
- Área de Descrição – onde se registra informação pertinente sobre a natureza, contexto e atividades da entidade que está sendo descrita
- Área de Relacionamentos – onde relações com outras entidades coletivas, pessoas e/ou famílias são registradas e descritas
- Área de Controle – onde o registro de autoridade é especificamente identificado e é registrada a informação sobre como, quando e por qual instituição foi criado e mantido.

No entanto, são obrigatórias o incluso de quatro requisitos necessários para descrição:

- Tipo de entidade – indica se é uma entidade coletiva, pessoa ou família que está sendo descrita.
- Forma (s) autorizada (s) do nome – cria ponto de acesso que identifica singularmente uma entidade coletiva, pessoa ou família.
- Datas de existência – informa a data da aparição da entidade coletiva, pessoa ou família.
- Identificador do registro de autoridade - Identifica singularmente o registro de autoridade no assunto que será utilizado.

Logo, almeja-se o uso desta norma seja usada em comunhão com a ISAD(G) e com normas de descrição arquivística nacionais, tendo como exemplo, no nosso caso a norma brasileira NOBRADE. E além disso, esta norma trata apenas de uma parte das condições necessárias no suporte de intercâmbio de informação de autoridade arquivística, assim como, a automatização em formato arquivístico como o Encoded Archival Context, suportaria o intercâmbio de dados de autoridade arquivística de acordo com a ISAAR(CPF) na internet.

4.2.3 ISDIAH

A Norma Internacional para Descrição de Instituições com Acervo Arquivístico, tem por procedência normalizar as descrições em instituições com acervos arquivísticos que possibilitam:

- O fornecimento de orientação prática na identificação e contato com instituições com acervos arquivísticos e no acesso ao acervo e aos serviços disponíveis;
- A elaboração de diretórios de instituições com acervo arquivístico e/ou listas de autoridade;
- O estabelecimento de conexões com listas de autoridade de bibliotecas e museus e/ou o desenvolvimento de diretórios comuns de instituições de patrimônio cultural nos níveis regional, nacional e internacional; e
- A produção de estatísticas de instituições com acervo arquivístico, nos níveis regional, nacional ou internacional.

Diferente das outras normas, a ISDIAH só é utilizada quando o acervo de uma instituição é arquivístico, isto é, a documentação produzida pela instituição a priori passa por procedimentos arquivísticos e as normas ISAD(G), ISAAR(CPF) e NOBRADE, por meio de redes automatizadas em uso arquivístico cujo mencionado pela norma ISDIAH onde,

Pretende-se que esta norma seja usada em conjunção com a ISAD(G) – Norma geral internacional de descrição arquivística, 2. ed.; a ISAAR(CPF) – Norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias, 2. ed.; a ISDF – Norma internacional para descrição de funções, 1. ed., e com as normas de descrição arquivística nacionais. Quando essas normas são usadas juntas, no contexto de um sistema ou rede de descrição arquivística, descrições de instituições com acervo arquivístico serão associadas a descrições de arquivos e a registros de autoridade, e vice-versa. (ARQUIVOS, 2008 p. 15)

Dessa forma, a descrição arquivística terá o peso de integridade e autenticidade de um documento produzido por uma instituição de acervo arquivístico. E assim, “esta norma determina o tipo de informação que poderia ser incluída em descrições de instituições com acervo arquivístico e fornece orientação sobre como tais descrições podem ser desenvolvidas em um sistema de descrição arquivística.” (ARQUIVOS, 2008 p. 14)

E quanto ao objetivo dessa norma é, facilitar a descrição de instituições arquivísticas com função relevante de guardar arquivos e fazer com que seja disponível para todo tipo de usuário da informação.

Os elementos de descrição para uma instituição arquivística, são organizadas por seis áreas: Área de identificação, que identifica a instituição e o acervo arquivístico e estabelece ponto de acesso normalizado; Área de contato, onde se informa para contatar a instituição com acervo arquivístico; Área de descrição, descreve informação importante da história do documento gerado na instituição arquivística; Área de acesso, informa horário de acesso e que restrições contém para obter alguma informação no documento arquivístico; Área de serviços, informa sobre serviços técnicos oferecido pela instituição arquivística e a Área de controle, onde identifica a descrição da instituição com acervo arquivístico e registra informações sobre como, quando e por qual instituição foi criada e mantida. Desse modo, todas as áreas são disponíveis para incluir maiores informações do acervo arquivístico.

No entanto, são obrigatórios o incluso de três requisitos necessários para descrição:

- Identificador
- Forma (s) autorizada (s) do nome
- Endereço

Portanto, a utilização da norma ISDIAH é apoiar a troca de informações entre instituições com acervo arquivístico, de modo que, seja recíproco a troca de informação em meio automatizado, com formato adequado de comunicação com a instituições a ser intercambiada por dados.

4.2.4 ISDF

A Norma Internacional de Funções é uma grande ferramenta de utilidade para o arquivista, pois, irá tratar minuciosamente a compreensão da proveniência do documento, isto

é, a descrição de funções auxilia na localização do documento com mais precisão e eficiência. E por consequência, o arquivista entenderá a origem da produção de um documento.

A descrição de funções exerce um papel vital na explicação da proveniência de documentos. As descrições de funções podem ajudar a situar os documentos com mais segurança no contexto de sua produção e uso. Também ajudam a explicar como e por que documentos foram produzidos e subseqüentemente usados, o propósito ou papel que foram destinados a executar numa organização, e como se ajustavam a essa organização e se ligavam a outros documentos por ela produzidos. (ARQUIVOS, 2008 p. 11)

Dessa forma, a complexidade em descrever as funções de um documento é de alto entendimento e conhecimento para que a busca da informação seja compreendida por quem produziu, como também, para quem foi produzido o documento exercido pelo órgão.

No tocante, “esta norma dá diretrizes para a preparação de descrições de funções de entidades coletivas associadas à produção e manutenção de arquivos” (ARQUIVOS, 2008 p. 11). No entanto, as funções são realizadas após de uma organização através de descrições normatizadas como a ISAD(g), ISAAR(CPF), NOBRADE ou ISDIAH, CUJO, é propício para auxílio de:

- Base para o arranjo, classificação e descrição de documentos;
- Base para a avaliação de documentos;
- Ferramenta para a recuperação e análise de documentos.

Ou seja, o auxílio das funções faz com que a documentação tenha o máximo de descrição para que a busca da informação seja mais rápida e compreendida.

As descrições de funções e atividades de acordo com a norma ISDF é capaz de serem usadas para descrever funções como unidades em um sistema de descrição arquivístico, como também, controlar a criação e o uso de pontos de acesso em descrições arquivísticas e documentar relações entre diferentes funções e entre essas funções e as entidades coletivas que as exerceram e os documentos que geraram.

Por conseguinte, a descrição de funções consiste em elementos de descrição que estão organizadas em quatro áreas da informação, a primeira é a Área de identificação, onde informação visa a especificar a função e estabelece ponto de acesso normalizado; a segunda é a Área de descrição, onde inscreve as informações obtidas no documento e contexto da função; a terceira é a Área de relacionamentos, cuja relação com outras funções são registradas e descritas, e por fim, a quarta que é Área de controle onde a descrição de uma

função é especificada e registrada a informação no intuito de informar quando e por qual instituição arquivística a descrição foi criada e mantida.

Logo, a descrição de funções contém regras a serem seguidas para descrever a informação, no entanto, três são relevantes e essenciais para o uso da norma ISDF: tipo; forma e identificador da descrição da função. E vale ressaltar que deve-se usar a norma a partir da utilização antecedida pelas normas ISAAR(CPF) e a ISAD(G) com uso de redes de computadores em formatos de comunicação XML DTDs e/ou esquemas.

Pretende-se que esta norma seja usada em conjunção com a ISAD(G) – Norma geral internacional de descrição arquivística, 2. ed., a ISAAR(CPF) – Norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias, 2. ed., e com as normas nacionais de descrição arquivística. Quando essas normas são usadas juntas, no contexto de um sistema ou rede de descrição arquivística, descrições de funções serão associadas a descrições de documentos e a registros de autoridade, e vice-versa. (ARQUIVOS, 2008 p. 15)

Dessa forma, a utilização da descrição de funções só será precedida após a utilização das normas ISAD(G) e ISAAR(CPF) como também, a NOBRADE em uso de descrições automatizadas, ou seja, descrições em uso de computadores.

4.2.5 NOBRADE

Por meio da norma ISAD(G), surgiu e foi adaptada para a norma brasileira que é a NOBRADE, sendo traduzida para a realidade nacional brasileira. O seu intuito é de garantir descrições firmes, adequadas e autoexplicativas e ainda remete à uma padronização na descrição.

É uma norma que facilita informações nacionais, a sua descrição é voltada para documentos permanentes, mas, que pode ser utilizada na fase corrente e intermediária. Além do mais, o propósito dessa norma é estruturar a informação descrita sem que modifique a forma final apresentada, isto é, não importa o modelo usado para colocar as informações descritas, o que diz respeito são os elementos de descrição

Através da norma são obrigatórios elementos para que se garanta a descrição independente de seu suporte ou gênero, mas, os essenciais se caracterizam em sete:

- Código de referência;
- Título;
- Data(s);

- Nível de descrição;
- Dimensão e suporte;
- Nome(s) do(s) produtor(es);
- Condições de acesso (somente para descrições em níveis 0 e 1)

Desse modo, podemos entender que o **Código de referência**, serve para reconhecer a unidade de descrição, o qual colocasse o código do país, mais a unidade custodiadora, seguida de uma numeração de organização no acervo; o **Título** identifica o nome da unidade de descrição do documento. Seguidamente, a **Data** se refere ao dia de produção, ao lugar do documento que foi elaborada, o ano de acumulo, mas, o uso das datas dependerá do tipo de documentação que caberá na ficha. E quanto ao **Nível de descrição**, são titulados pela norma que remete de zero a cinco e os intermediários de níveis 0,5; 2,5 e 3,5, que identifica o nível em semelhança aos outros descritos.

São considerados seis principais níveis de descrição, a saber: nível 0 = acervo da entidade custodiadora; nível 1 = fundo ou coleção; nível 2 = seção; nível 3 = série; nível 4 = dossiê ou processo; nível 5 = item documental. São admitidos níveis intermediários, representados da seguinte maneira: acervo da subunidade custodiadora = nível 0,5; subseção = nível 2,5; subsérie = nível 3,5. (ARQUIVO NACIONAL, 2006 p. 26)

Além do mais, os demais elementos **Dimensão e suporte** identifica a dimensão física e lógica do documento, quanto ao suporte é a unidade descrita; o **Nome do produtor** é a identificação de quem produziu o documento e as **Condições de acesso**, são as condições de ter acesso ao documento.

Assim, condizemos que a descrição é um trabalho profissional (SCHELLENBERG, 2006) e por este fato caberá ao arquivista manusear as ferramentas propícias para descrição juntamente com as normas.

Logo, o trabalho sendo unificado remeterá a um serviço eficiente tanto para o profissional, quanto para o usuário e é esse o propósito da descrição, tornar a documentação de fácil acesso e ao mesmo tempo publicizar os documentos para fins cognitivos.

Ao realizar esse trabalho, o arquivista se inteira da procedência, do conteúdo, do arranjo e do valor dos papéis. Esses dados são por ele registrados em instrumentos de busca que servem a um duplo propósito: a) tornar os papéis conhecidos às pessoas que possam vir a se interessar pelos mesmos; e b) facilitar ao arquivista a pesquisa. (SCHELLENBERG, 2006, p.313).

A partir desse referimento, verifica-se que a descrição não é apenas uma forma de esclarecer o documento, e sim a divulgação, a relevância e a facilidade do profissional trabalhar com o método de descrever.

Além dos elementos obrigatórios pela norma, podemos utilizar quantos elementos forem necessários para a descrição do documento, pois, colocamos elementos de acordo com a necessidade do tipo da documentação, como também, a maneira que o arquivista sugere a guarda da informação dos documentos da instituição. Em conformidade com, a NOBRADE e reforçando o que foi mencionado a cima diz que “esta Norma deve ser aplicada à descrição de qualquer documento, independentemente de seu suporte ou gênero. Informações específicas para determinados gêneros de documentos podem e devem, sempre que necessário, ser acrescentadas” (ARQUIVO NACIONAL, 2006 p. 19). Dessa forma, podemos utilizar a norma de modo que adaptamos de acordo com a nossa necessidade e independente do seu suporte e gênero documental. Isto posto, decidimos utilizar as obrigatórias com acréscimo de Data de acumulação, Nome do colecionador e o no Responsável pela descrição.

5 METODOLOGIA

A Metodologia Científica, mais do que uma disciplina, significa introduzir o discente no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do estudioso quanto do profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das idéias.

(LAKATOS, 2003 p. 17)

Para atingirmos os resultados de uma pesquisa é necessário formas e procedimentos que conceituem a lógica exercida no trabalho. Dessa forma, a metodologia nos mostra de forma explícita de como conseguir os resultados da pesquisa de modo que os objetivos sejam compreendidos e executados.

Pode-se entender metodologia como um caminho que se traça para se atingir um objetivo qualquer. É, portanto, a forma, o modo para resolver problemas e buscar respostas para as necessidades e dúvidas. A metodologia científica é um caminho que procura a *verdade* num processo de pesquisa, ou aquisição de conhecimento; um caminho que utiliza procedimentos científicos, critérios normalizados e aceitos pela ciência. (MICHEL, 2009, p.35, grifo do autor)

Isto posto, a metodologia faz com que a pesquisa se tenha mostrado comprovante através de procedimentos científicos, e assim, ter atingido o próprio objetivo da pesquisa.

5.1 Método da pesquisa

Ingressaremos a definição do método a ser abordado na pesquisa, é importante que se demonstre de forma metodológica e clara as informações encontradas para devido fins de análise. Desse modo, é necessário saber que instrumento será usado na pesquisa. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é considerada a mais favorável para esta pesquisa, pois, não precisará de dados numéricos ou estatísticos. Assim, a pesquisa qualitativa é considerada peculiar ao pesquisador e o objeto de estudo, visto que, a comprovação provém dos experimentos empíricos, feitas através de análises precisa. Diante do exposto, para Michel (2009, p. 37):

Na pesquisa qualitativa, a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence na forma da experimentação empírica, a partir de análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente e coerente, assim como na argumentação lógica das ideias, pois os fatos em ciências sociais são significados sociais, e sua interpretação não pode ficar reduzida a quantificações frias e descontextualizadas da realidade.

Deve-se considerar na pesquisa empírica a sua relevância na qualificação do que a quantificação, pois é através da contextualização que será compreendida no projeto. Assim, em harmonia, Martins (2009, p.140) explicita que:

[...] na construção de uma pesquisa qualitativa, coleta e análise ocorrem simultaneamente. É fundamental o trabalho de campo; coleta; levantamento e análise em uma pesquisa qualitativa requerem habilidade, experiência, perseverança e atenção do pesquisador, pois, caso contrário, corre-se um elevado risco de terminar a coleta com um amontoado de informações difusas e irrelevantes.

O autor chama a atenção dos cuidados que o pesquisador é preciso ter, pois, uma coleta e principalmente uma análise correta, senão, poderá ter tido perda de tempo e também desaproveitamento do que foi coletado.

Contribui-se também para o trabalho, a pesquisa exploratório que visa possuir vínculos do pesquisador com o objeto estudado, isto é, “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2007 p. 43), porém, neste caso deixamos mais explícito o problema, pois, tratamos em demonstrar a importância da descrição nas fotografias do acervo Waldemar Bispo Duarte por não ter nenhum procedimento descritivo que informe características precisas da imagem fotográfica.

Para se ter entendimento de um assunto abordado num trabalho, é necessário referências bibliográficas. E neste caso, a pesquisa bibliográfica nos proporcionou o entendimento do tema abordado para a pesquisa. Assim, em conformidade com, Martins e Theóphilo (2009, p. 54) diz que, “a pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo”. Desta forma, a elaboração teórica do trabalho faz com que entendamos o assunto discutido.

Portanto, para finalizar o nosso trabalho, a pesquisa descritiva nos contribuiu com o levantamento, a interpretação e discussão dos fatos e situações que foram analisadas nas fotografias. Por isso, o “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações variáveis” (GIL, 2007 p. 44). Por essa razão, que a descrição foi um dos critérios essencial para a pesquisa.

5.2 Campo empírico

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba - FUNESC pela Lei nº 4.315, de 4 de dezembro de 1981, sendo alterada pela Lei nº 4.934 de 2 de julho de 1987, considerada uma entidade de direitos privados e com autonomia administrativa e financeira, foi fundada em maio de 1982 simbolicamente para autoridades e convidados na época, vindo a ser inaugurada

para o público e com todos os setores funcionando em janeiro de 1983. O controle da gestão é supervisionado pela Secretaria da Educação e Cultura. De acordo com o estatuto, tem por finalidade e objetivo:

- I – promover, incentivar e amparar no Estado da Paraíba, a prática, o desenvolvimento e a difusão de atividades educativas, artísticas e culturais com respeito de liberdade de criação;
- II – recolher, analisar, catalogar e divulgar documentos escritos, **visuais** e auditivos **relevantes à memória do povo paraibano** em quaisquer campos da atividade humana;
- III – incentivar a adoção de medidas, planos, programas e projetos que visem ou promovam a formação e o aprimoramento de profissionais em qualquer campo de atividade educacional, artística e cultural;
- VI – adotar medidas e incentivos de planos, programas e projetos que visem a preservação e o aumento de acervos culturais e artístico;
- V – gerir os órgãos por determinação legal, se integrarem à sua estrutura organizacional;
- VI – fornecer aos órgãos envolvidos nos sistemas Estaduais de Educação e de Cultura os subsídios essenciais à formação e reformulação da política cultural do Estado;
- VII – promover e difundir a cultura;
- VIII – promover exposições, cursos, conclave, visitas e outros eventos da mesma natureza;
- IX – incentivar a descoberta de novas propostas de valorização das ciências, letras e artes;
- X – preparar e adquirir material físico, **visual**, ou sonoro;
- XI – contratar para o pleno desenvolvimento de suas atividades, sendo necessário terceirização de serviços especializado de pessoas física ou jurídicas, nacionais ou estrangeiras. Além disso, a composição da estrutura organizacional se integra por:

- Órgão de Deliberação Superior e de Fiscalização
 - Conselho Diretor
 - Conselho Curador
- Órgãos de Direção Superior
 - Presidência
 - Vice-Presidência
- Órgão de Assessoramento
 - Chefia de Gabinete
 - Assessoria de Planejamento
 - Assessoria Jurídica

- Assessoria de Comunicação Social
- Assessoria de Assuntos Culturais
- Órgãos de Atuação Instrumental
 - Diretoria de Administração
 - Diretoria de Finanças
- Órgãos Programáticos
 - Diretoria de Eventos
 - Diretoria de desenvolvimento Artístico e Cultural

A sua localização encontra-se na R. Abdias Gomes de Almeida, 800 - Tambauzinho, João Pessoa - PB, 58042-900. Telefone: (83) 3211-6225, o horário de funcionamento é de segunda-feira a sexta-feira às 07:00 – 19:00, nos sábados às 08:00 – 17:00 e nos domingos das 08:00 – 13:00.

O arquivo histórico da FUNESC, Waldemar Bispo Duarte foi instalado em 02 de junho de 1987 pelo decreto nº 11971 assinado pelo governador Tarcísio de Miranda Burity. Situado no subsolo da rampa três da FUNESC. Parte das documentações vivente, são do Arquivo Público-Administrativo, Instituto Histórico e geográfico da Paraíba, PB-Tur, Secretaria de Educação e Cultura, Teatro Santa Roza e entre outros.

Além de, manuscritos e impressos dos séculos XVIII, XIX e XX, o Arquivo Histórico possui um rico acervo fotográfico da primeira metade do século XX, com documentos oficiais produzido pelo governo Estadual. A função do arquivo é reunir, conservar, arranjar, descrever e facilitar a consulta dos documentos oficiais e concentrar sob sua custódia e dar acesso a informação.

Por conseguinte, o arquivo passa por novas reestruturações de acordo com as orientações do Ministério da Cultura, dando assim, oportunidades de projetos juntos ao setor específico da FUNESC.

5.3 População e amostra

O universo que foi trabalhado se encontra na FUNESC, mediante da população pesquisada no acervo Waldemar Bispo Duarte onde foram examinadas as fotografias do centro da cidade de João Pessoa e a sua evolução até os dias atuais. No tocante, a amostra é a parte, isto é, uma parcela que fez-se análises no decorrer da pesquisa.

Em conformidade com Lopes (2006, p. 33), tem a definição de que “é a fração ou uma pequena parte de um estudo científico na qual através de critérios determinados faz-se a demonstração do universo do estudo científico para demonstrar um todo”. Dessa forma, são presentes 333 fotografias no acervo, no entanto, a amostra da pesquisa será realizada em vinte fotografias, onde foram divididas em duplas para que tivéssemos o olhar de Ontem com o olhar de Hoje nos anos de 1871 aos dias atuais e com a finalidade de ter analisado a evolução do centro da cidade de João Pessoa.

5.4 Procedimentos de coletas de dados

Iniciamos a coleta dos dados a partir da entrega do Termo de Cessão de Uso de Imagem, nome, voz e dados biográficos para o curador em setembro de 2016. Considerando a aprovação para prosseguir o trabalho, fomos para a sala de exposição onde estavam as fotografias intituladas João Pessoa Ontem e Hoje.

A princípio tiramos as fotos de Ontem do centro da cidade de João Pessoa com todo o cuidado para que o flash não danificasse as imagens, seguidamente, a mesma cautela foram feitas com as fotografias de Hoje. E o comparativo das vinte fotografias, cujo fora analisada, se parte da investigação em visar as diferenças e similaridades das imagens fotográficas.

Coletamos as informações sobre o histórico da FUNESC como também, a sua localização. Do mesmo modo, fizemos com o acervo Waldemar Bispo Duarte, o qual foi o nosso ponto de pesquisa.

5.5 Procedimentos de análise dos dados

Após coletar os dados, selecionamos as fotografias de modo que não houvesse falhas nas imagens para não haver imperfeições no momento da descrição.

Elaboramos uma ficha de descrição arquivística respeitando o padrão exigido pela NOBRADE para maiores informações da fotografia exposta na galeria do acervo. Além disso, como sugestão, produzimos outra ficha descritiva com maiores informações sobre cada fotografia.

Analisamos cada fotografia e descrevemos as interpretações em cada documento fotográfico de modo preciso e eficiente. A seguir, codificamos cada fotografia para que seja respeitada uma ordem de sequência, pois, dessa forma as fotografias ficarão corretas para serem encontradas.

Dessa forma, colocamos cada fotografia referente a um lugar do centro da cidade, uma do lado da outra, mostrando o Ontem e o Hoje, na qual foram colocadas as informações em uma ficha de descrição para maior compreensão da análise. E por fim, a atividade intelectual expressada pela análise, onde sintetizamos os resultados obtidos e evidenciamos a importância da descrição arquivística em cada documento fotografia.

6 ANÁLISE FOTOGRÁFICA DO ARQUIVO HISTÓRICO WALDEMAR BISPO DUARTE

A pesquisa descritiva se propõe a verificar e explicar problemas, fatos ou fenômenos da vida real, com a precisão possível, observando e fazendo relações, conexões, à luz da influência que o ambiente exerce sobre eles. Não interfere no ambiente; seu objetivo é explicar os fenômenos, relacionando-os com o ambiente.

(MICHEL, 2009 p. 44)

Consideramos as descrições feitas nas fotografias deste trabalho regido por normas arquivísticas, isto é, elaboradas a partir do entendimento da NOBRADE para que tenham uma informação precisa e necessária através das imagens fotográficas.

As fotografias em preto e branco são consideradas de acordo com o projeto João Pessoa Ontem e Hoje, imagens de Ontem que foram produzidas pelo fotógrafo Gilberto Sturcket, cujo doadas para o acervo Waldemar Bispo Duarte. Entretanto, as fotografias de Hoje, é uma produção do grupo ParaiBando juntamente com o curador João Pedro, o qual faz parte da equipe. No entanto, devemos nos salientar que as fotografias da sala de exposição do acervo, foram tiradas em uma câmera digital e impressas em um suporte de papel grosso e sem molduras. Apesar de, que as fotografias antigas estão em quadros e expostas pelos corredores do acervo. Enquanto, as fotografias atuais são digitais e estão armazenadas em um pen drive.

Por conseguinte, elaboramos duas fichas de descrição, na qual, uma ficha (ficha logo abaixo) será exposta em companhia com a imagem fotográfica, pois, as fotografias expostas são ausentes de descrição. E a outra ficha de descrição que se encontra no Apêndice A, a qual ficará como sugestão para mais detalhamento da fotografia para maiores fins de informação.

Figura: Ficha de Descrição Fotográfica

Descrição Fotográfica		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
Data Limite	Condições de Acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
Responsável pela descrição		

Fonte: Marcela Maria da Silva

Fotografia 2 Av. Guedes Pereira 1920



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte/ Gilberto S.

Fotografia 3 Av. Guedes Pereira 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte/ Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 2		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/001	João Pessoa Ontem e Hoje	Antigamente se chamava Rua do Fogo. Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1920	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 3		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/001	João Pessoa Ontem e Hoje	Atualmente renomeada de Av. Guedes Pereira. Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Conhecida como Rua do Fogo, fora a primeira rua a implantar meio de transporte no ano de 1896, ligando os dois planos da cidade (cidade baixa e cidade alta). Atualmente conhecida como Av. Guedes Pereira, cujo nome oficialmente dado em 1937 em homenagem a Walfrêdo Guedes Pereira na época prefeito da cidade, por realizar obras de pavimentação e urbanismo em João Pessoa. (MEDEIROS, 2012).

Neste caso, nota-se que a fotografia 2 compõe-se de imagem preto e branco, a rua era de paralelepípedos composta de trilhos por onde se passava os bondes. O prédio à sua direita que apresentava uma bela escada de entrada, bem como, na lateral do prédio encontra-se uma rua que ao lado tinha um casarão com gramados na frente.

Entretanto, a fotografia 3 as ruas são asfaltadas, não existe mais os trilhos do bonde, por onde agora passam ônibus, as duas ruas paralelas não existe mais, apenas é uma escada para ir a outra rua que é lateral do edifício conhecido como dezoito andares, onde tinha a rua lateral com o casarão que é a Central da Polícia Militar, o qual estar arborizada. À esquerda da imagem, ficam as paradas de ônibus e lojas comerciais.

Sendo assim, notamos que a qualidade da fotografia de Ontem, não demonstra uma boa resolução, embora, a imagem seja visível, ainda assim proporciona sombreamentos que nos tira detalhes que poderia ser informado na descrição. Enquanto, na fotografia de Hoje, são perceptíveis as modificações ocorridas de urbanização como também, na qualidade da imagem e colorida, porque a evolução das câmeras fotográficas ajudou no melhoramento de detalhes.

Fotografia 4 Av. B. Rohan 1909



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fotografia 5 Av. B. Rohan 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte/ Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 4		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/002	João Pessoa Ontem e Hoje	Antigamente se chamava Rua do Melão. Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1909	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 5		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/002	João Pessoa Ontem e Hoje	Atualmente renomeada de Av. Beaurepaire Rohan. Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

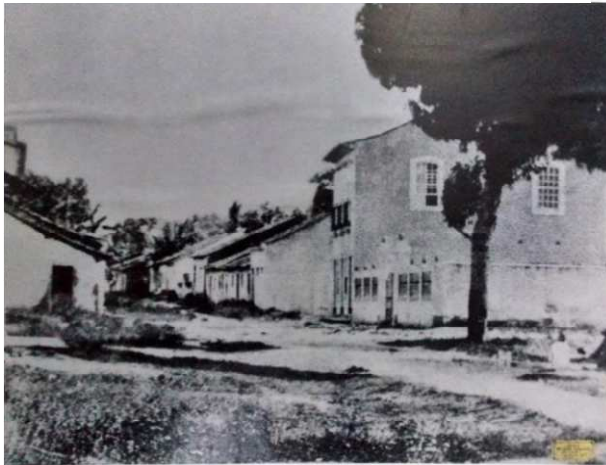
Rua por onde passam os ônibus para os bairros da Via Oeste da cidade, a Beaurepaire Rohan de poucas passagens de pessoas. França (2010) diz que o nome da rua sucedeu por uma homenagem a Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan um excelente administrador que governou a província da Paraíba e entre outras e ainda contribuiu com novas ruas e incentivador para várias culturas.

A fotografia 4 expressa muito bem a qualidade da imagem na época em que as câmeras não davam bons resultados. Nota-se que era um bairro de casas humildes, a rua aladeirada não era calçada e muitas árvores em volta das casas.

Enquanto, a fotografia 5 é totalmente modificada pelos os avanços da modernidade. Percebemos que há eletricidade, rua asfaltada, melhoraram as frentes das casas, inclusive, um ponto de orelhão na calçada, porém, a arborização que existia não tem mais. Vimos que a qualidade da imagem colorida e mais uma vez é visível, e podemos encontrar mais detalhes na fotografia.

Logo, notamos que a qualidade das duas fotografias, cujo uma com dificuldades para ser descrita com mais precisão e a outra com melhores definições para descrevê-las.

Fotografia 6 Começo das Trincheiras 1875



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte/Gilberto S

Fotografia 7 Começo das Trincheiras 2016



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte/ Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 6		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/003	João Pessoa Ontem e Hoje	Começo da Rua das Trincheiras. Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1875	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

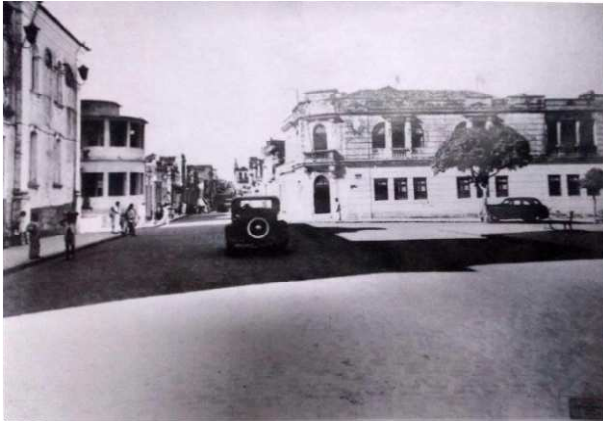
Descrição Fotográfica 7		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/003	João Pessoa Ontem e Hoje	Começo da Rua das Trincheiras. Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2016	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Nas fotografias 6 e 7, existe duas vertentes sobre o nome dado à Rua das Trincheiras, uma se refere a trincheiras que rebateram a invasão dos holandeses, a outra diz que para defender a Província de um ataque de Pernambuco, o Capitão-Mor João da Mata em 1710 construiu defesas perto da Igreja Nossa Senhora de Lourdes. No entanto, ambas teve uma razão histórica para ser chamada dessa maneira.

Dessa forma, a fotografia 6 tem a imagem branco e preto, de uma resolução não muito boa assim como, está escuro demais para maiores detalhes. Mesmo assim, podemos ver a rua não asfaltada, apenas uma árvore na entrada da rua com muitos capins na parte vasta e ao redor das casas baixas seguidas de muitas árvores adentro da rua. Provavelmente o uso de lamparinas por ausência de fios elétricos.

Em contrapartida, a fotografia 7 está bastante mudada, a rua encontrar-se asfaltada, a energia elétrica em todas as partes da rua, no lugar das casas hoje são prédios comerciais e placas de sinalizações em função trânsito.

Fotografia 8 Av. Duque de Caxias 1942



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fotografia 9 Av. Duque de Caxias 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 8		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/004	João Pessoa Ontem e Hoje	Antigamente conhecida como Rua Direita. Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1942	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 9		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/004	João Pessoa Ontem e Hoje	Atualmente renomeada de Av. Duque de Caxias. Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Rua Direita era de muita elegância, que atualmente renomeada Av. Duque de Caxias era frequentada pelas elites da época com grandes festejos de entretenimento e sociabilização. (CRUZ; SILVA, 2013).

Na fotografia 8 podemos identificar vários pontos na fotografia. A rua larga e extensa calçada por paralelepípedos, observamos que possuía poucas árvores e apresentando o centro da cidade mais moderno com veículos passando pelas ruas e os prédios em suas belas arquiteturas.

Ao contrário da imagem Ontem, a fotografia 9 tirada por uma câmera digital, as cores nítidas e podemos visualizar detalhes como, os prédios em bom estado de conservação, a rua toda iluminada, placas de sinalização para turismo e pedestres, mais a frente conseguimos ver o prédio muito conhecido chamado Dezoito andares.

Percebe-se que não houve tanta alteração com o passar do tempo na rua Duque de Caxias, podemos dizer que, apenas foram acrescentando mais iluminações e comodidades para pessoas tais como, orelhão, bancos para se sentarem e lojas comerciais.

Fotografia 10 Rua da República 1904



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fotografia 11 Rua da República 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 10		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/005	João Pessoa Ontem e Hoje	Rua da República Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1904	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 11		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/005	João Pessoa Ontem e Hoje	Rua da República Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Entre a Av. General Osório até a Av. Sanhauá, a Rua da República considerada extensa e conhecida por suas variadas lojas que vendem artigos de vidros, madeiras, tecidos e decoração para variados ambientes de uma residência e ainda com preços bem atrativos.

Na fotografia 10, podemos notar que, além da imagem ser preto e branco, a sua resolução não é visível a detalhes e parece que passaram borracha para ficar esse efeito fusco, pela fotografia ser antiga. Desta maneira, vemos que a rua é sem calçamento e com buracos que deveria ser de chuva ou falta de saneamento, notamos também, que as casas eram bem humildes e que provavelmente havia muitas árvores por trás das casas.

No entanto, na fotografia 11, visualizamos melhor as características da imagem, uma vez que, a resolução está apropriada. Assim, é evidente a transformação que a rua teve ao longo dos tempos, como as ruas asfaltadas, iluminação na rua e energia para os pontos comerciais que ficaram no lugar das casas, sinalização de trânsito e a ausência de árvores ao redor.

Logo, nas fotografias 10 e 11 é notória a distorção que tem uma com a outra, pois o uso das máquinas fotográficas em épocas diferentes, nos mostra o quanto evoluiu as técnicas de fotografar.

Fotografia 12 Av. General Osório 1920



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fotografia 13 Av. General Osório 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 12		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/006	João Pessoa Ontem e Hoje	Antigamente conhecida como Rua Nova. Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1920	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 13		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/006	João Pessoa Ontem e Hoje	Atualmente renomeada de Av. General Osório Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Rua de grandes acontecimentos na época Brasil Colônia e Império, conhecida também como Rua Nova. Foi a segunda rua a ser construída na cidade que atualmente renomeada de Av. General Osório. (ROBERTO, 2014).

A fotografia 12 com a imagem em preto e branco, mas, podemos perceber que há na rua os paralelepípedos, as casas em uma sequência quase que padronizada e todas calçadas, as mudas de árvores plantadas, um poste no meio da rua para clarear à noite, bem ao fundo a Igreja Nossa Senhora das Neves e a esquerda se encontra o Mosteiro de São Bento, além disso, a imagem nos mostra um ambiente limpo.

Enquanto, a fotografia 13 com a imagem colorida de resolução identificável para os detalhes. As mudanças são claras, a rua estar asfaltada, fios elétricos, sinalizações de trânsito, carros estacionados, árvores pelas calçada, entretanto, a rua está mais aladeirada e as casas que a maioria virou ponto comercial, além do mais, ainda não conseguimos ver as igrejas como na fotografia de Ontem.

Assim, as duas imagens fotográficas estavam em boas condições de análise, fazendo com que a descrição fosse mais objetiva.

Fotografia 14 Rua Gama e Melo 1932



Fotografia 15 Rua Gama e Melo 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 14		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/007	João Pessoa Ontem e Hoje	Rua Gama e Melo Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1932	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 15		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/007	João Pessoa Ontem e Hoje	Rua Gama e Melo Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

A rua Gama e Melo situa-se próxima à rua Barão do Triunfo, rua com lojas comerciais em casas antigas, as instituições conhecida para ponto de referência são: Banco da Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e a Previdência social, os quais responsável por movimento de pessoas nesta rua.

A fotografia 14, em imagem preto e branco de resolução visível para detalhes que podemos analisar, como a rua que estava sendo colocado os paralelepípedos, a presença de postes com fios elétricos, casas e uma pensão do lado direito com uma calçada alta, pessoas sentadas e outras em pé. Além disso, certifica-se que a cidade estava sendo urbanizada pelo fato de estarem com energias elétrica e ruas sendo calçadas e com ausência de árvores pelas casas.

A fotografia 15 nos mostra uma imagem colorida e de uma resolução muito boa para a descrição. Desse modo, ao invés da rua está com pedras, foram asfaltadas, os postes de eletricidades foram modificados, as calçadas já não são altas e pequenas, as casas se tornaram pontos de comércio e apenas uma árvore presente na imagem.

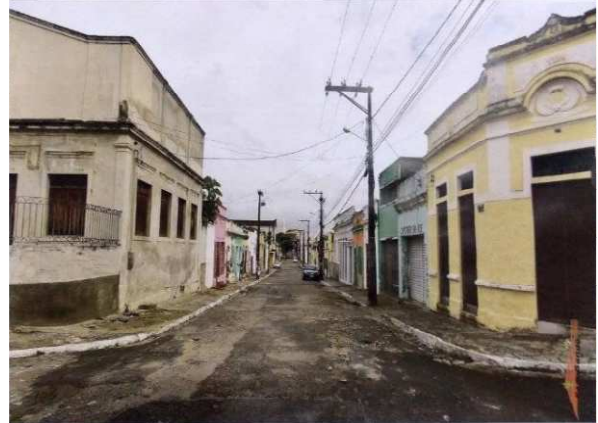
Sendo assim, comparando as duas fotografias com exceção da qualidade da imagem, diríamos que uma estar a caminho de melhoramentos e que a outra tenta conservar como patrimônio histórico, apesar de, obterem características iguais.

Fotografia 16 Rua da Areia 1908



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fotografia 17 Rua da Areia 2015



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 16		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/008	João Pessoa Ontem e Hoje	Rua da Areia Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1908	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 17		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/008	João Pessoa Ontem e Hoje	Rua da Areia Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2015	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Situada no Bairro do Varadouro, a Rua da Areia deu-se por esse nome devido ao declive acentuado de acúmulo de areia na parte baixa da rua, causada pela chuva ou vento. (FRANÇA, 2010).

A fotografia 16 em imagem preto e branco, a resolução visível para detalhes que poderemos analisar com precisão, embora que, as sombras e as marcas escuras na fotografia impossibilitam averiguar algo mais. Destaca-se a priori as casas com seus modelos únicos com calçadas, a rua colocada os paralelepípedos e postes, e ao final da rua observamos a igreja de São Frei Pedro Gonçalves.

Enquanto a fotografia 17, de imagem colorida, com a resolução visível para detalhes descritos como a rua que fora asfaltada e se encontra com buracos e remendos, da mesma forma, a calçada que até mesmo diminuiu a largura, os postes e as fiações elétricas modificadas e algumas árvores no final da rua.

Sendo assim, as duas fotografias em questão de arquitetura não foi muito modificada, embora, que a visualização sejam bastante opostas.

Fotografia 18 CBTU 1913



Fotografia 19 CBTU 2016



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S. Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 18		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/009	João Pessoa Ontem e Hoje	Companhia Brasileira de Trens Urbanos – CBTU Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturcket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1913	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Descrição Fotográfica 19		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/009	João Pessoa Ontem e Hoje	CBTU Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2016	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável pela descrição Marcela Maria da Silva		

Em 1889 foi construída a estação ferroviária de João Pessoa que se chamava Conde D'Eu, porém, em 1940 o prédio foi demolido para construir um mais moderno e que atualmente é a Companhia Brasileira de Trens Urbanos – CBTU desde 1942. (JOÃO PESSOA, 2011)

A fotografia 18 tem imagem preto e branco com uma resolução bem visível em comparação com as outras já analisadas. Assim, a imagem nos mostrou poucos detalhes para serem descritas. E é tanto que, as ruas todas em paralelepípedo e não tem uma separação da referente praça, comércios aos redores e árvores espalhadas na praça, pessoas andando tranquilamente pelas ruas e na praça. Além do mais, a estação ferroviária com a sua antiga arquitetura e diga-se de passagem mais bonita, continha porta, janelões e varandas elegantes.

Entretanto, a fotografia 19 colorida e com uma resolução muito boa para a descrição da imagem, deixou notoriamente as mudanças que ocorreram durante o tempo. Uma vez que, a praça já não é a mesma porque só se ver chão batido de barro, matos, árvores. Além disso, a rua asfaltada e com sinalização de trânsito, os pontos comerciais inexistentes e principalmente a estação ferroviária que mudou a sua arquitetura com portões e janelas gradeadas.

Portanto, as modificações nas duas fotografias é nítida, pois, além de mudarem a estrutura do lugar, mudaram também a memória que existia naquela praça, naquele ponto de comércio e até mesmo na estação ferroviária.

Fotografia 20 Usina Cultural Energisa 1931



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Gilberto S.

Fotografia 21 Usina Cultural Energisa 2016



Fonte: Arquivo Waldemar Bispo Duarte /Grupo ParaiBando

Descrição Fotográfica 20		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/010	João Pessoa Ontem e Hoje	Usina Cultural Energisa Fotografia antiga em preto e branco, réplica da original tirada com câmera antiga. Impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Gilberto Sturket	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
1931	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável da Descrição	Marcela Maria da Silva	

Descrição Fotográfica 21		
Código de Referência	Título	Âmbito e Conteúdo
BR/WBD/PB/010	João Pessoa Ontem e Hoje	Usina Cultural Energisa Fotografia atual colorida, tirada por câmera digital, impresso em suporte de papel.
Dimensão e Suporte	Nome do Produtor	
42x29/Papel 40kg	Grupo ParaiBando	
Data Cronológica	Nome do Colecionador	
2016	Arquivo Waldemar Bispo Duarte	
Data Limite	Condições de Acesso	
Permanente	Sem restrição de acesso	
Data Tópica	Nível de Descrição	
João Pessoa-PB	Item documental nível 0	
Responsável da Descrição	Marcela Maria da Silva	

Construída no século passado, que fora sede da Empresa Tração, Luz e Força (E.T.F.L) e que entre os anos de 1964 e fim dos anos 1990, passou a ser o almoxarifado e garagem da Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba – SAELPA e que atualmente é a Usina Cultural Energisa, sob responsabilidade do mesmo, manifestações políticas e culturais no Estado inaugurada em 2003. (DYÓGENES CHAVES, 2013).

A fotografia 20 em imagem preto e branco, com resolução visível, mas que poderia ser melhor. No entanto, é identificável se a rua está com paralelepípedos ou não, até porque passam trilhos por causa do bondinho. Bem como, pessoas andando e fazendo alguma coisa na Usina e além de tudo, as árvores nos limita a ver o que se tem perto delas por causa da qualidade da fotografia.

Entretanto, a fotografia 21 em imagem colorida e de ótima resolução, nos mostrou detalhes mais precisos que podemos descrevê-la. A primeira vista notamos que houve modificações com o passar do tempo em relação com a rua asfaltada e dupla, o canteiro de árvores que tinha, agora só existe uma dentro da Usina Cultural Energisa e uma palmeira do outro lado da rua e o restante são lojas comerciais, ônibus público e carros seguindo viagem e pessoas andando pela calçada e atravessando a rua.

Contudo, notemos que a única coisa que diferencia a Usina Cultural Energisa das duas épocas é uma porta na lateral que atualmente é uma janela, no restante se torna igual com apenas a pintura para realçar seus detalhes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi abordado no trabalho, expusemos a relevância da memória em relação a fotografia, o quanto de lembranças e histórias podemos ter através de uma imagem, bem como, a necessidade da descrição para que seja preservada as informações em caso de provas, além de consultas e pesquisas. Inclusive, a legalidade e a veracidade de que uma fotografia é um documento de seriedade através de normas arquivísticas.

Dessa forma, é importante ressaltar que esta pesquisa demonstrou o quanto podemos entender e aprender com as análises de uma fotografia, uma vez que, não se trata apenas de uma imagem, e sim, da memória que temos de voltar ao passado através das lembranças vividas. Além do mais, as normas arquivísticas, juntamente com as bibliografias estudadas, nos ajudaram a reforçar o que já existia de concreto em relação aos documentos fotográficos, evidenciando ainda mais esses documentos especiais.

Consideramos também, a importância desta pesquisa para fins de conhecimento no âmbito acadêmico, pois, buscamos discernimentos a partir de repostas encontradas na pesquisa realizada, como também, fosse proveitoso para debates, mesas redondas e entre outros momentos que o discente pudesse entender que para uma formação profissional é preciso embasamentos teóricos e cognição empírica que só o meio acadêmico ensina.

Observamos que na análise das fotografias feitas nesta pesquisa, foi proveitosa e conclusivas. Assim, conseguimos elaborar uma ficha de descrição para as fotografias, regidas pela norma arquivística NOBRADE, a qual fornece autenticidade para a informação descrita sobre a imagem. Bem como, as análises feitas em cada fotografia, as quais percebemos que a qualidade da imagem antiga, com a atual, é totalmente oposta, visto que, os equipamentos fotográficos são de épocas diferentes, influenciando diretamente na qualidade da imagem. E da mesma forma, vimos as mudanças com o passar do tempo nas casas, ruas e até nomes de ruas que tiveram histórias na cidade de João Pessoa.

Codificamos cada ficha fotográfica para que tivessem uma ordenação e não ficassem dispersas sem uma sequência lógica. E por essa razão, podemos explicar que é relevante a descrição no documento fotográfico acervo Waldemar Bispo Duarte, devido à falta de informação necessária da imagem fotográfica, como também, o acesso a informação para os usuários que necessitam saber detalhes para uma pesquisa ou até mesmo de conhecimento e a memória de cada rua do centro da cidade de João Pessoa que tem significado histórico e importante a ser salvaguardada através da descrição.

Sendo assim, esperamos que utilizem a ficha de descrição que sugerimos nas imagens fotográficas do acervo Waldemar Bispo Duarte, para que tenham mais informações precisas tanto para a custódia do acervo, quanto a fim de oferecer acesso a informação para pesquisas, conhecimento e entre outros aos usuários.

No tocante, seria aconselhável que o arquivista tivesse um olhar relevante na questão dos documentos especiais, como é o caso das fotografias, além daquelas tipologias acostumadas a serem utilizadas na instituições. Além disso, é necessário que as normas arquivísticas estejam sempre atualizadas, pois, com os avanços institucionais e com a era da automatização, exige-se que nos atualizemos para que não nos tornamos obsoletos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; SIMIONATO, Ana Carolina. O tratamento descritivo e temático de acervos fotográficos no paraná. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 2014, Belo Horizonte **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/programacao/anais-do-xv-enancib>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de; MURGUIA, Eduardo Ismael. **A descrição de documentos fotográficos através da ISAD (G) e AACR2: aproximações e diferenças. BIBLOS**, v. 24, n. 2, p. 25-41, jul./dez 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/1653/1016>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

ARQUIVOS, Conselho Internacional de. **ISDF**: Norma internacional para descrição de funções. Tradução de Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. 76p.

_____. **ISDIAH**: Norma internacional para descrição de instituições com acervo arquivístico. Tradução de Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009. 88p.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 320p.

BRASIL, Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.

_____. **ISAD(G)**: Norma geral internacional de descrição arquivística. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. 119p. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/isad_g_2001.pdf> Acesso em: 02 abr. 2016.

_____. **ISAAR(CPF)**: Norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias. Tradução de Vitor Manoel Marques da Fonseca. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. 99p.

BRASIL, Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. 124p. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2006.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13 ed. 7 reimp. São Paulo: Ática, 2008.

CRUZ, Alana Cavalcanti; SILVA, Keila Queiroz e. A abertura da avenida Eptácio Pessoa, da cidade da Parahyba à cidade João Pessoa: olhando para o mar e esquecendo-se do Rio Sanhauá. In: XXVII Simpósio Nacional de História. 2013, Natal **Anais Eletrônicos...** Natal: UFRN, 2013. 9 p. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 06 out. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DYÓGENES CHAVES (João Pessoa). Usina Cultural Energisa (Org.). **A Usina: história**. 2013. Disponível em: <<http://www.usinaculturalenergisa.com.br/a-usina>>. Acesso em: 08 out. 2016.

FRANÇA, Marcos Antonio Pessoa de. **Cultura Popular: origens e apelidos de alguns logradouros do Estado**. 2010. Disponível em: <<http://culturapopular2.blogspot.com.br/2010/03/origens-e-apelidos-de-alguns.html>>. Acesso em: 06 out. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JOÃO PESSOA. Companhia Brasileira de Trens Urbanos - CBTU. Ministério das Cidades. **Estações históricas**. 2011. Disponível em: <<http://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/sistemas-cbtu/joao-pessoa>>. Acesso em: 07 out. 2016.

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil**. São Paulo, 2008. 258p.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=A321LE03ab8C&oi=fnd&pg=PA15&dq=popula%C3%A7%C3%A3o+e+amost+ra+em+projeto+cientifico+da+ciencia+sociais&ots=RIBToeb--y&sig=bwPqZLROj091AKLhPYaRvw3TfiU#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 27 maio 2016.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**. São Paulo: Arquivo do estado, imprensa oficial, 2002. 64p.

MANINI, Miriam Paula. **Imagem, memória e informação: um tripé para o documento fotográfico.** Domínios da imagem, Londrina, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/?q=mem%C3%B3ria+fotogr%C3%A1fica>>. Acesso em: 02 maio 2016.

MARTINEZ, Lusiane Vivian. **NOBRADE e a descrição de fotografias nas diversas áreas da Ciência da Informação.** 2009. 76 f. Monografia (Especialização) - Curso de Arquivologia, Departamento Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22753>>. Acesso em: 30 set. 2016.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEDEIROS, Estevam. Antiga Rua do Fogo atual Avenida Guedes Pereira: eixo estruturante dos deslocamentos no centro tradicional de João Pessoa. **Urbi Centros #3: III Seminário Internacional morte e vida dos centros urbanos,** Salvador, v. único, p.1-14, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST144.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2016.

MENDONÇA, Roseane Souza de; PINHO, Fabio Assis. Memória institucional por meio da organização documental fotográfica. **SIBi: Sistema Integrado de Bibliotecas Universidade de São Paulo,** São Paulo, v. 7, n. 1, p.90-110, mar./ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/90094/111650>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em sociais.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MONTEIRO, Maria Isabel Ramalho. **Memória e aprendizagem na Escola Inclusiva.** 2013. 368 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&uact=8&sqi=2&ved=0ahUKEwjZz5-73sHOAhUJvJAKHQFJB8cQFgg8MAQ&url=https%3A%2F%2Fcomum.rcaap.pt%2Fbitstream%2F10400.26%2F4632%2F1%2FDisserta%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520final.pdf&usq=AFQjCNE2w_M2TToh7IYzlposyR11E938qA&sig2=egfZr33AiW6RBvofKOtdoA&bv=bv.129422649,d.Y2I>. Acesso em: 14 ago. 2016

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática.** 7. reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 228p.

ROBERTO, Carlos. **Portal da cidade de João Pessoa: fotos antigas.** 2014. Disponível em: <<http://paraibanos.com/joaopessoa/fotos-antigas.htm>>. Acesso em: 07 out. 2016.

SANTOS JUNIOR, Natalicio Batista dos. **Fotografia e memória**: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. **Revista Belas Artes**, v. 1, p. 1-17, 2009.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 388p.

VIEIRA, Thiago de Oliveira. **Os documentos especiais à luz da arquivologia contemporânea: uma análise a partir das instituições arquivísticas públicas da cidade do Rio de Janeiro**. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiTIJKdnP7OAhUHPJAKHZIQCICQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unirio.br%2Fppgarq%2Ftccs%2Fturma-2012%2Fvieira-thiago-de-oliveira-os-documentos-especiais-a-luz-da-arquivologia-contemporanea-uma-analise-a-partir-das-instituicoes-arquivisticas-publicas-da-cidade-do-rio-de-janeiro%2Fat_download%2Ffile&usg=AFQjCNHBhX5iIAxDOtzhhlAa85myzZCJ4A&bvm=bv.131783435,d.Y2I>. Acesso em: 07 set. 2016.

APÊNDICE A

FICHA DE DESCRIÇÃO	
ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO	
Código de Referência	
Título	
Data Cronológica	
Data Tópica	
Nível de Descrição	
Dimensões e Suportes	
ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO	
Nome do Produtor	
História Arquivística	
ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA	
Âmbito e Conteúdo	
Avaliação, Eliminação e Temporalidade	
Vigência	
ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO	
Condições de Acesso	
Condições de Reprodução	
Idioma	
Características Físicas e Requisitos técnicos	
ÁREA DE NOTAS	
Notas sobre Conservação	
ÁREA DE CONTROLE DA DESCRIÇÃO	
Nota do Arquivista	
Data da Descrição	
Responsável pela descrição	

ANEXO A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas - Campus V
 João Pessoa - PB
Curso de Arquivologia



Missão:

Formar profissionais éticos e competentes na área de Arquivologia, comprometidos com a transformação e a valorização do ser humano para o exercício da cidadania.

TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM, NOME, VOZ E DADOS BIOGRÁFICOS

Eu, JOÃO PEDRO FERREIRA DA SILVA, declaro que autorizo, de forma gratuita e sem ônus, a divulgação da minha imagem, os relatos das fotos João Pessoa Ontem e Hoje, pertencente ao Acervo Waldemar Bispo Duarte, onde, as fotos de ontem é uma reprodução de Gilberto Sturcket e as de hoje são do Grupo ParaiBando, cujo faço parte e assim, como da minha história, para fins de exercício sobre as técnicas de coleta de dados de pesquisa, desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba.

Tenho conhecimento que o referido exercício está sendo realizado pela graduando(a) Marcela Maria da Silva, sob a orientação do(a) professor(a) Brenda Alves de Andrade Hirata. Caso haja desdobramento da atividade, serei antecipadamente informado.

Estou ciente de que minha imagem poderá ser apresentada em outras atividades acadêmicas, como palestras, mostras, aulas, **sempre**, sem fins lucrativos.

João Pessoa, 20 de SETEMBRO de 2016.

João Pedro Ferreira da Silva
 Diretor do Acervo Histórico Waldemar Bispo Duarte
 João Pedro Ferreira da Silva
 Diretor do Acervo Histórico
 Waldemar Bispo Duarte - FUNESC